

O lado certo da história

Ou por que estou postando através da lacuna de Gramsci¹

[VENKATESH RAO](#)

07 DE JUNHO DE 2025

Ontem, meu orientador de pós-doutorado de 20 anos atrás (trocamos mensagens de tempos em tempos) me enviou um link para um artigo da Atlantic mencionando um post meu de 2020. Pareceu um pouco surreal, um capítulo recentemente encerrado da minha vida colidindo com um capítulo encerrado muito mais antigo. Uma certa clareza de propósito marcou esses dois capítulos da minha vida (2004-06, pós-doutorado, e 2007-2020, blogueiro da velha guarda). Eu meio que sabia o que estava fazendo e tinha uma certa confiança de que estava fazendo a coisa certa. Todo esse estado de espírito parece surreal agora, como se esses capítulos tivessem acontecido com outra pessoa. Minha expressão para esse sentimento é a frase “estar do lado certo da história”. É um sentimento que perdi nos últimos anos, junto com a maioria de vocês. Isso não significa que sinto que estou do lado errado. Significa que não consigo ver lados significativos. A história, à medida que serpenteia pela [Lacuna de Gramsci](#), é sem direção definida, por assim dizer.

Entendo a frase no sentido literal e figurado. Há uma lógica na história que cria certas tendências inexoráveis no curso dos acontecimentos, às quais é inútil resistir. Na melhor das hipóteses, você pode aceitar essas tendências. Esse é o sentido epistêmico de estar certo: estar do lado da história que acaba se revelando verdadeiro em algum sentido, no sentido de ser cada vez mais validado por acontecimentos posteriores. Há também um arco moral na história que pode ou não se curvar em direção a algo com que você se importa, mas é importante, em um certo sentido egoísta de preservação da sanidade, ficar do lado das coisas com as quais você se importa, independentemente do que o arco esteja fazendo. Esse é o sentido moral de correção que nos faz oscilar entre

¹ A expressão “Lacuna de Gramsci” (*Gramsci Gap*) refere-se a uma frase célebre do pensador marxista italiano Antonio Gramsci: “O velho mundo está morrendo, e o novo ainda não nasceu. Neste interregno, surgem os monstros.” Essa lacuna é o período histórico de transição em que as estruturas antigas de sentido, poder e organização social perdem legitimidade, mas ainda não foram substituídas por novas formas claras e estáveis. Venkatesh Rao usa esse conceito para descrever a condição atual da história: uma fase de profunda ambiguidade e instabilidade, em que é difícil identificar os “lados” ou mesmo saber se eles ainda existem de maneira significativa.

pensar que o mundo está caminhando para a destruição ou que está evoluindo para coisas melhores e mais elevadas.

Alguns seres humanos se sentem tentados a colapsar ambos os sentidos de retidão em um só, o que é a marca registrada do extremismo político. Podemos definir extremismo como a crença de que as verdades do universo devem necessariamente e totalmente validar as posições morais específicas que você escolhe adotar. Que, se você simplesmente descobrir uma versão completa o suficiente da verdade, guiado por sua bússola moral, você eventualmente não precisará mais adotar posturas morais. Que aqueles que adotam outras posições simplesmente serão mostrados como tendo se enganado sobre os fatos.

Essa atitude é, na verdade, característica do sentimento de que se está do lado certo da história. O extremismo reside em se apegar a esse sentimento, mesmo quando os dois sentidos de correção começam a divergir de maneiras difíceis de conciliar. Em escolher assumir um risco cada vez maior de estar errado, em vez de permitir-se sentir errado.

Minha suspeita é que as escolhas que os seres humanos fazem sempre serão subdeterminadas por qualquer senso atual da verdade. Embora alguns avanços no conhecimento possam tornar algumas questões morais irrelevantes, existe um espaço residual central de escolhas onde as leis descobríveis da realidade não guiarão nossas ações de maneira útil. Um espaço onde nossas escolhas podem ser subvertidas por leis da realidade descobertas posteriormente. E o progresso geralmente expande esse espaço também, introduzindo novas escolhas que você nunca teve que fazer antes.

Em outras palavras, você pode estar errado sobre o lado certo da história. É isso que torna a história interessante. Se sempre houvesse um lado comprovadamente certo, todos nós estaríamos nesse lado e seguiríamos na mesma direção.

Um bom exemplo dessa fenomenologia é a evolução. Os ideólogos políticos parecem querer desesperadamente acreditar em versões da teoria evolutiva que determinam totalmente a moralidade. Eles querem que a evolução biológica tenha significado moral. Ou o poder é o que está certo, e você não tem escolha a não ser dominar e governar aqueles que são mais fracos do que você (e ser governado por aqueles que são mais fortes do que você), ou a evolução é uma espécie de bela sinfonia de cooperação e empatia, construindo inexoravelmente uma condição gaiana sem dor e sem crueldade.

Em ambos os casos, não há escolhas morais a serem feitas. Para estar do lado certo da história da evolução, basta agir de acordo com uma compreensão da lei natural (e moral) que você acredita determinar completamente o que acontece; o que deve acontecer. As versões mais simplistas desse tipo de teorização inspiram esforços para trazer o *eschaton*² evolutivo para o aqui e agora; para pular para o fim, otimizando e acelerando os caminhos para resultados “finais” em que a evolução está “completa”. As versões mais inteligentes adotam uma visão infinita da evolução, mas ainda parecem acreditar que os caminhos podem pelo menos ser suavizados abandonando atos “fúteis” de resistência e rendendo-se mais completamente à “verdadeira” natureza da evolução.

Não é de surpreender que eu tenha [uma visão medíocre da evolução](#) — a natureza e o significado da vida biológica são subdeterminados pelas forças evolutivas, deixando-a cheia de bolsões de potencialidades configuradas aleatoriamente que criam não apenas espaço para escolha, mas imperativos para escolher. Escolhas que requerem processos computacionais abertos, alimentados por dados transitórios que não podem ser transformados em código genético compilado. Escolhas que não podem ser simplesmente usadas para “otimizar” ou “acelerar” a própria evolução em direção a estados finais ilusórios de chegada moral, ou mesmo para “suavizar” uma trajetória evolutiva infinita.

A evolução é necessariamente confusa, barulhenta e irredutivelmente ineficiente, apesar de nossas tentativas valentes de reescrever retroativamente alguma noção de otimização ou “adequação” nela e imbui-la com um significado “natural”. Qualquer esforço para usar a aparente margem de manobra para melhorá-lo necessariamente terá o efeito contrário. Não se pode apressar ou precipitar a evolução, porque ela está descobrindo os contornos pré-conceituais da verdade — e, portanto, os limites da moralidade — por meio de processos mais fundamentais do que aqueles que podem ser compreendidos, antecipados ou acelerados por nossos processos cognitivos. Nossa linguagem (que parece cada vez mais coextensiva à nossa inteligência) é, por definição e construção evolutiva, insuficientemente expressiva para competir com a evolução. Portanto, você deve usar a folga para fazer outras coisas que podem ou não moldar a evolução. Só há uma maneira de descobrir se algo que você faz corresponde à verdade evolutiva no sentido de ser adaptativo, e é viver para sempre e observar como as coisas acontecem, o que ainda não sabemos fazer.

² “Eschaton” é uma palavra de origem grega (ἔσχατον, *éschaton*), que significa literalmente “o fim” ou “o último”. Em filosofia e teologia, ela é usada para se referir ao **fim dos tempos, últimas coisas** ou ao **estado final da história ou da existência humana**. Quando ele fala em “**imanizar o eschaton evolutivo**”, ele está criticando a ideia de que é possível “pular etapas” do processo evolutivo — seja biológico, social ou tecnológico — e já viver o “fim ideal”, como se pudssemos “forçar” um destino final glorioso para a humanidade.

Algo semelhante também se aplica às correntes mais superficiais da história, incluindo as correntes de evolução cultural e tecnológica que se desenrolam nos recantos e fendas do potencial evolutivo biológico não utilizado.

Estar do lado certo da história, então, é atualizar continuamente seu senso das fronteiras do espaço de escolha moral disponível, enquanto tenta fazer as coisas epistemicamente e moralmente corretas dentro dessas fronteiras. E aceitar que você nem sempre vai acertar, mesmo que na maioria das vezes pareça que está acertando.

Na medida em que as coisas às quais prestei atenção durante os capítulos anteriores da minha vida ainda são relevantes, diria que, no geral, a história provou que eu estava certo. Veja, por exemplo, meu trabalho de pós-doutorado, que era todo sobre o futuro da guerra, cheio de drones e robôs. Errei em muitas coisas, mas acertei nas coisas importantes (veja esta nota para minha avaliação). Tanto factualmente quanto pelas ideias que tento defender de forma consistente, moralmente.

Ou veja meu blog de 2007 a 2020, quando eu era um traficante de memes e instigador de viralidades. Eu diria que também estava, em grande parte, do lado certo da história, tanto em termos factuais quanto morais.

Agora, é claro que você pode não concordar com as escolhas morais em nenhum dos meus capítulos. Ambos apresentavam minha moralidade clássica Be Slightly Evil™, que caracterizei em várias ocasiões como Teologia Termodinâmica (a segunda lei rege tudo ao nosso redor) e Darwinismo medíocre (como neste ensaio). Mas, no que me diz respeito, não fiz nenhuma escolha importante pela qual sinta que precise me desculpar. Talvez essa avaliação pareça uma hipocrisia presunçosa, mas posso viver com isso.

É importante notar, porém, que valores consistentes não implicam crenças, alianças ou posições políticas consistentes. Por exemplo, até 2021, eu estava amplamente alinhado com a política e as crenças da corrente dominante do Vale do Silício, embora divergisse no sentido de simplesmente estar interessado em coisas diferentes. Mas, desde 2021, não estou mais alinhado com o Vale do Silício. Principalmente porque o Vale do Silício deu uma guinada ideológica acentuada para a direita. Minhas próprias mudanças foram mínimas — continuo mais ou menos tão liberal quanto o Vale do Silício costumava ser por volta de 2013. Da mesma forma, eu estava amplamente alinhado com a esquerda

progressista até 2020, mas não estou mais, graças à sua guinada ideológica acentuada em direção ao autoritarismo.

Agora, você poderia argumentar que todos pensam que permaneceram os mesmos, enquanto todos os outros se tornaram mais “extremistas”, então deixe-me oferecer uma rubrica para julgar tais questões. Existe um teste simples para saber quem mudou de posição e quem permaneceu na mesma — se você ainda tem uma noção clara do “lado certo da história”, você mudou e se tornou extremista. Você deixou que seu apego ao tipo de certeza que era possível em 2013 o desviasse para um tipo de extremismo ou outro. Você quer muito saber e estar do lado certo da história.

A razão pela qual acredito que permaneci no mesmo lugar enquanto outros mudaram é que não tenho mais uma noção clara do “lado certo da história”, enquanto todos aqueles de quem me afastei parecem ter, se alguma coisa, uma noção mais forte do que é o “lado certo”.

Pense no que essa frase significa. Acreditar no “lado certo da história” é acreditar que a história tem, no máximo, alguns “lados” legíveis e mapeáveis (geralmente apenas dois) e que todas as suas posições em centenas de pequenas questões individuais se coadunam em uma posição totalizante que está claramente em um “lado”.

O que torna o Twitter e o Bluesky/Mastodon igualmente surreais e difíceis de frequentar para mim não é o alto nível de toxicidade e raiva (tenho uma tolerância bastante alta para o ódio ambiental), mas o alto nível de certeza totalizante. Pessoas que parecem capazes de manter um conjunto amplamente previsível e claro de posições sobre tudo, desde as situações em Gaza e na Ucrânia até o trumpismo, o clima e a IA, simplesmente me confundem. Elas parecem estar conjurando suas certezas do nada, por pura força de vontade, em vez de qualquer compreensão superior das circunstâncias. Não acho útil estar perto delas. Aprendo muito pouco com elas e a um custo muito alto. Elas agem com mais certeza do que eu consigo sentir, e não me sinto burro o suficiente para confiar no julgamento delas em vez do meu.

Quanto a mim, por enquanto, abandonei todas as tentativas de estar do “lado certo” da história, ou mesmo de definir lados. Todas as minhas posições não parecem se somar a um “lado” que eu possa caracterizar de forma totalizante com rótulos simples, e estou contente em deixá-las constituir nada mais coerente do que um saco de crenças e dúvidas atomizadas.

Muitas pessoas se sentem assim, é claro, mas a maioria delas ainda parece querer fabricar um “lado” fraco para estar. Duas escolhas populares são o “centrismo”, que tenta criar uma certeza ideológica totalizante a partir de um monte de compromissos oportunistas e pouco confiáveis, e os exercícios de “terceira via” no construcionismo político artesanal.

Acredito que tais esforços são condenados ao fracasso e fúteis. Não vejo valor em me rotular como centrista ou crente em qualquer tipo de “terceira via”. Apenas evitar as certezas totalizantes do extremismo já é um desafio enorme por enquanto.

O problema é que a própria realidade é fundamentalmente ambígua hoje em dia. Não existem “lados” existentes ou construíveis em que você possa estar e que garantam os níveis de correção epistêmica e moral aos quais você se acostumou nos anos anteriores à Grande Estranheza. E se você atingiu a maioridade após 2015, nunca experimentou a sensação de que a história tem lados claros entre os quais você pode escolher com confiança.

Se você tentar estar do lado certo da história em 2025, vai errar muito mais do que você acharia confortável. Prefiro simplesmente suspender o impulso por enquanto.

Agora, isso é um reconhecimento explícito e consciente da minha própria condição, mas suspeito fortemente que seja pelo menos um reconhecimento implícito e inconsciente para muitas pessoas. Talvez até mesmo para a maioria. Os verdadeiros extremistas são raros. A maioria das pessoas que se apresentam como sinceramente operando com certezas totalizantes (ou seja, ignorando aqueles que estão apenas fazendo isso como um golpe político) estão apenas tentando se colocar em um estado de retidão reconfortante e motivadora; uma condição em que não se sentem impotentes, confusos ou sobrecarregados por uma série de decisões fundamentalmente difíceis e confusamente correlacionadas.

A maioria das pessoas não está tentando fazer isso. Em vez de se apresentar com certeza totalizante, elas não estão se “apresentando” de forma alguma. Estão se retirando da vista do público para enclaves aconchegantes e privados, onde estar do lado certo da história é um problema mais simples e socialmente localizado.

Ou, para ser franco, é mais fácil estar do lado certo da história, epistemicamente e moralmente, em um chat privado de ~3-300 pessoas do que estar do lado certo da história na escala do Twitter. Não posso ter certeza se minhas crenças sobre

(digamos) Gaza estão corretas, ou se minhas dúvidas são justificadas, mas certamente é menos estressante manter minhas crenças e dúvidas em um pequeno chat privado do que em público.

Talvez haja uma certa humildade epistêmica admirável em nosso recuo coletivo para a "internet íntima", mesmo que haja também uma certa falta de coragem moral não tão admirável. Mas não há dúvida sobre uma coisa: há um custo coletivo.

O custo coletivo é a perda de um senso público claro da história, com um conjunto de lados para escolher. Essa condição não é uma dada ambiental, mas um resultado emergente de um grande número de pessoas declarando suas escolhas em público, e essas escolhas se somando de maneiras legíveis. As linhas não estão traçadas. Elas emergem de escolhas feitas publicamente e, então, moldam essas escolhas, em um ciclo vicioso.

Isso significa que quanto menos pessoas fazem suas escolhas em público, mais confusas elas ficam e mais confusos ficam os processos da história. O que significa que mais pessoas recuam, acelerando o processo. A história sem lados claros do certo e do errado é uma profecia auto-realizável.

É fácil não perceber isso, porque as escolhas emergentes podem parecer muito decisivas, e pode ser tentador acreditar que a maioria silenciosa está injetando algum tipo de sabedoria profunda e misteriosa das multidões no processo histórico. As eleições podem produzir resultados claros, mesmo com o encolhimento das fileiras de intelectuais públicos que oferecem critérios claros para a tomada de decisões, o aumento do barulho da multidão confusa e o "internet íntima" se enchendo de pessoas duvidosas e traumatizadas que retiram sua atenção da esfera pública. A maioria silenciosa — que defino como matéria escura social que se organiza em formas pré-internet sub-"internet íntima" em torno de padrões epistêmicos/morais de amigos e familiares — ferve, cozinha e assa. Ela pode expressar periodicamente preferências decisivas que chocam as classes tagarelas, desde conversas aconchegantes até praças públicas, mas isso não significa que ela saiba muito mais do que as correntes mais modernas da vida cívica. Só porque você fala raramente, não significa que você está mais frequentemente certo.

Alguns tomam esses limites evidentes da sabedoria democrática como uma razão para rejeitar a própria democracia, mas isso é obviamente uma tolice. Só porque o processo democrático pode expressar decisões e indecisões obviamente erradas, enraizadas na confusão e na ambiguidade, não significa que cortar esse

processo possa melhorar as coisas. Tratar o processo democrático como confiável ou imprudente é cometer um erro de categorização. Como qualquer processo de descoberta e tomada de decisão, às vezes ele está certo, às vezes errado, e pode agir com mais ou menos determinação, com ações apenas fracamente correlacionadas com qualquer tipo de correção. Confiar na democracia com base em uma crença acrítica em sua correção (epistêmica ou moral) é tão idiota quanto acreditar acriticamente na correção dos monarcas. Uma base melhor para a confiança é a ideia de que é melhor incluir até mesmo um sinal da realidade ruidoso e pouco confiável do que excluí-lo. A razão para rejeitar o monarquismo não é que os imperadores às vezes são maus, mas que, bons ou maus, é melhor restringir os aspirantes a imperadores com mais sinais da realidade do que eles gostariam, transformando-os em figuras eleitas.

Como observou H. L. Mencken, a democracia é a teoria de que o povo sabe o que quer e merece obtê-lo de forma boa e dura. Outra citação de Mencken explica por que isso acontece: Para cada problema complexo, há uma resposta clara, simples e errada. E, às vezes, estamos tão apegados à clareza e à simplicidade que ignoramos conscientemente o que é errado ao fazer nossas escolhas. E nos damos isso de forma boa e dura.

O que podemos tirar dessa compreensão dos processos da história?

Acho que a conclusão inevitável é que, às vezes, fundamentalmente, não há um lado claramente certo na história em grande escala, e aqueles que insistem em escolher de qualquer maneira podem se tornar parte do problema.

Às vezes, a história enfrenta tempestades. Confusão, incerteza, ambiguidade e risco permeiam a condição social. E nenhuma configuração de forças, mecanismos e ideologias de governança pode compensar o que é, em última análise, uma deficiência em nossa compreensão da própria realidade.

Isso não deve ser surpreendente. Afinal, não existe uma lei da natureza que diga que a realidade deve se revelar a nós a um ritmo que possamos compreender confortavelmente e coletivamente e acompanhar, por meio de processos que parecem repetidamente e trivialmente escolher o “lado certo” por meio de sabedoria superior e desfrutar de ver a nós mesmos prevalecer sobre os menos sábios com nossa presciência. Da mesma forma que não existe uma lei da natureza que diga que o tempo deve ser sempre agradável.

Portanto, sim, às vezes as sociedades buscam o lado certo da história com demasiada veemência e erram, enquanto navegam por um clima histórico fundamentalmente tempestuoso. Mas isso é inevitável, porque, ao contrário das tempestades comuns, não é possível se proteger das tempestades da história.

Portanto, a questão central permanece: não o que escolher ou fazer, mas como fazê-lo publicamente? Mais precisamente, devemos expressar publicamente certezas que não sentimos ou recuar para processar incertezas? Ou talvez devêssemos expressar nossas incertezas em público?

Vale a pena pensar mais sobre o que exatamente fazemos quando recuamos dos espaços de discurso público para nossos confortáveis refúgios na web. Acho que duas coisas acontecem.

Primeiro, como discutimos longamente, o problema de escolher o “lado certo da história” se torna significativamente mais simples e localizado. Em sua bolha de filtro, bem protegida de colapsos de contexto e violações narrativas, é simplesmente mais fácil falar sem estresse, fazer escolhas com confiança suficiente para agir e basicamente seguir com a vida, apesar da “confusão florescente e agitada”³ mente infantil do mundo em formação que está nascendo de forma caótica na Lacuna de Gramsci pública.

Segundo, nosso senso do que é importante para organizar nossas vidas começa a se desviar e divergir, desvinculado de qualquer senso de consenso social sobre a questão. Enquanto você estiver imerso em um espaço público barulhento, é fácil ter uma noção das poucas coisas importantes às quais todos deveriam talvez dedicar alguma atenção. Se não for muito estressante, você pode contribuir com parte de sua atenção e capacidade cognitiva para a mente gráfica global e, quer você acerte ou erre feio, isso pelo menos ajuda a criar um consenso sobre o que vale a pena acertar ou errar.

Essa segunda consequência do recuo para a “internet íntima” é geralmente subestimada. Quando as pessoas que costumavam contribuir para a consciência pública mais ampla começam a se afastar dela, elas passam a dedicar proporcionalmente mais atenção a uma variedade maior de coisas. Por exemplo,

³ Nota do autor do artigo: A frase é atribuída a William James e descreve popularmente o estado da mente infantil. À luz do que hoje se sabe sobre os processos de desenvolvimento neural em recém-nascidos, ela não está exatamente correta — mas é suficientemente precisa para o que estamos discutindo aqui. Bebês que estão nascendo — sejam novos seres humanos ou novos mundos — são, por definição, caldeirões de confusão sobre o que exatamente está acontecendo. Bebês, de qualquer tipo, não estão do lado certo nem do lado errado da história. Eles estão apenas tentando estabelecer limites muito básicos enquanto se perguntam, com diferentes níveis de ansiedade, que diabos está acontecendo.

na medida em que me afastei, dedico mais atenção a vários interesses nerds, que vão de legos e robôs a culinária e confeitaria.

De forma mais sutil, muitas coisas com as quais eu costumava me preocupar publicamente no passado (2007-2020) parecem agora irrelevantes para os processos da história. No momento em que escrevo, a maioria das coisas que escrevi em público pareciam escolhas que eu estava compartilhando sobre o lado certo ou errado da história. E talvez fossem, naquela época. Mas só porque algo era importante em escala histórica em 2012 não significa que ainda seja importante na mesma escala em 2025. Se eu tivesse que classificar meus escritos antigos como certos, errados ou simplesmente ultrapassados em 2025, diria que 90% se enquadrariam na última categoria.

Isso é uma espécie de invalidação ou expiração do cache na memória histórica viva. Acho que estava certo sobre (por exemplo) a dinâmica da sociopatia e a natureza das guerras culturais, e ainda importa que eu estivesse certo. Essas questões ainda são relevantes e contribuem para estar do lado certo ou errado da história em 2025. Mas em outras questões, como o futuro do trabalho, sinto que, embora tenha sido provado que estava certo em grande parte, não importa mais se minhas opiniões sobre a questão estão certas ou erradas. Elas deixaram de ser preocupações historicamente consequentes para se tornarem meras escolhas pessoalmente consequentes. O capítulo mais recente da questão do futuro do trabalho é melhor enquadrado como a questão do futuro da IA, que tem uma forma muito diferente, mesmo que o impacto no trabalho seja o que lhe interessa ou preocupa.

Da mesma forma, preocupações que eu achava que eram interesses pessoais aleatórios agora me parecem coisas que talvez valham a pena discutir publicamente. Meu interesse por máquinas e mecanismos contraintuitivos, por exemplo, passou de um interesse pessoal para um conjunto de questões que considero de importância histórica atualmente. É importante, em 2025, ter opiniões convincentes e defensáveis sobre como você acha que a máquina social deve ser, já que a que temos está sendo desmantelada com extremo preconceito, com princípios organizacionais estranhos esperando nos bastidores, na forma de novas e estranhas tecnologias de computação.

Juntando as duas consequências e empregando o termo de Timothy Leary popularizado por Robert Anton Wilson, quando nos retiramos para a "internet íntima", nossos túneis de realidade individuais começam a divergir.

Até certo ponto, essa é uma resposta histórica adaptativa à realidade que ultrapassa as capacidades cognitivas e o conhecimento da sociedade. Uma resposta potencialmente útil à confusão é expandir o escopo das investigações, na esperança de que coisas aleatórias que você descobre em caminhos secundários de interesse pessoal possam de repente se revelar extremamente relevantes para coisas mais importantes. Mas fingir que o recuo para a "internet íntima" é necessariamente bom simplesmente porque é o que estamos fazendo e consideramos a resposta mais reconfortante é claramente uma forma de lidar com a situação.

Aceitar nossa fase atual de "internet íntima" como uma inevitabilidade do processo histórico que devemos simplesmente nos resignar a atravessar é uma espécie de fatalismo social darwinista, semelhante à variedade mais biológica que mencionei anteriormente. Infelizmente para nossa sanidade, temos mais escolhas reais a fazer do que gostaríamos, e provavelmente deveríamos fazer mais delas, mais publicamente, do que nos sentimos inclinados a fazer. Não por qualquer senso de responsabilidade cívica ou altruísmo, mas simplesmente porque uma vida absorvida em túneis de realidade excessivamente solipsistas, construídos a partir de irrelevâncias e fantasias passageiras com as quais ninguém mais se importa, acaba por começar a parecer vazia, mesmo para a mente mais diletante. Para se sentir vivo, você deve se conectar à vivacidade do mundo, o que significa se preocupar com as coisas com as quais as outras pessoas se preocupam; coisas sérias ex officio.

A ideia de que viver uma vida plena exige que você se preocupe com coisas sérias é amplamente reconhecida e igualmente amplamente mal compreendida.

Mais comumente, o mal-entendido assume a forma do que chamo de imperativo da seriedade transferida: a crença de que, para se envolver com uma coisa séria, é necessário envolvê-la de maneira séria.

A mudança climática, por exemplo, é uma coisa séria. É importante ter uma opinião correta sobre ela, tanto epistemicamente quanto moralmente. Mas apenas uma pequena fração de nós tem aptidão ou oportunidade para (por exemplo) trabalhar com modelos climáticos, tecnologias de energia renovável e assim por diante. Na verdade, tentar levar a sério as mudanças climáticas quando você não tem nenhuma capacidade de contribuir de forma útil provavelmente faz mais mal do que bem. Mas você pode se preocupar com isso, mesmo que não o faça de forma consequente ou séria. Você pode fazer piadas

sobre virtudes e canudinhos de plástico. Você pode ler artigos sobre energia nuclear. Você pode ter uma curiosidade casual sobre novas tecnologias de energia renovável. Você pode se interessar. O simples fato de dedicar uma certa atenção a um tema ajuda a torná-lo importante. É um pouco como votar. Se uma questão é importante, toda a atenção dedicada a ela é boa atenção. Com seriedade ou não, com profundidade técnica ou curiosidade leiga. E a atenção do público ajuda a torná-la importante. Acho que essa é uma das coisas que os conservadores culturais entendem mais profundamente errado. Eles suspeitam de qualquer manifestação de falta de seriedade, especialmente a curiosidade ociosa. Eles se ofendem quando coisas sérias são tratadas de forma leviana, por meio de piadas e entendimentos superficiais e diletantes. Eles veem toda atenção dedicada de forma leviana como uma distração do dever de dedicar atenção séria onde você tem a capacidade de ser sério. Eles acreditam que todas as coisas sérias devem ser deixadas para aqueles que as levam a sério. Os conservadores culturais levam a seriedade muito a sério. Principalmente porque querem ser levados a sério. Não porque tenham qualquer capacidade de dedicar atenção séria de forma útil.

Quando os conservadores culturais (muitos dos quais são profundamente liberais ou progressistas noutros aspetos) se refugiam em preocupações solipsistas nos seus túneis de realidade pessoal, tentam fazer “trabalho profundo” com seriedade, na esperança de que isso venha a ter importância pública (e ficam visivelmente chateados quando isso não acontece). Quando falam em público, eles geralmente dedicam atenção apenas a assuntos já considerados sérios com consciência visível e se esforçam para dizer apenas coisas importantes e sérias sobre eles. Eles resistem à tentação do engraçado e do absurdo. Eles evitam a curiosidade nas margens do Importante e Sério.TM Eles evitam brincar e cometer erros embaraçosos, mesmo quando há uma vantagem social nisso. Eles parecem profundamente temerosos de que uma coisa séria tratada com levidade possa se tornar leviana.

Os filósofos populares entre os conservadores culturais (que correspondem vagamente, no Ocidente, à tradição de Nietzsche-Heidegger-Byung-Chul-Han) querem, acima de tudo, que a história se desenrole sob a sábia administração de pessoas sérias que levam a sério as questões sérias e a si mesmas por fazê-lo. Em sua visão de mundo, a ociosidade, a curiosidade e o senso do absurdo são pecados capitais. Pecados de levidade que condenam a humanidade a um fim sombrio. Existem tradições semelhantes em outras partes do mundo.

Só recentemente reconheci essa linha condutora nos modos de pensamento conservadores culturais. Eles levam a seriedade muito a sério e a falta de seriedade não com a seriedade necessária.

Para mim, sempre foi óbvio que o lado não sério da vida — brincadeira, absurdo, humor, ociosidade, curiosidade — não é apenas sério e importante, mas também fundamental. Não levar a falta de seriedade a sério é fazer muito mau uso da agência que nos resta devido às restrições e inevitabilidades da própria realidade. No que me diz respeito, mesmo que o mundo entre em uma espiral de destruição em uma orgia de violência apocalíptica zumbi em meio ao colapso climático e uma guerra cultural global entre os wokies e os redpills, travada com armas nucleares, será importante encontrar espaço para a falta de seriedade até o último dia.

Isso não significa que pessoas como eu, que colocam a falta de seriedade no centro e priorizam-na, mesmo nos momentos mais sérios e em torno dos assuntos mais sérios, não possam ou não devam ser sérias também.

Afinal, este é um post geralmente sério, e sou conhecido por levar a sério tanto as coisas sérias quanto as não sérias. Um exemplo é o clube do livro que estamos fazendo este ano como parte deste boletim informativo. Mergulhar em uma dúzia de livros difíceis sobre a história da modernidade inicial é uma tentativa de levar a sério as coisas sérias e, talvez, melhorar nossa capacidade de estar do lado certo da história em 2025, estudando mais cuidadosamente a história de 1200 a 1600.

Mas há muitas pessoas fazendo esse tipo de coisa. O déficit geral hoje é a falta de seriedade. Não estamos levando as coisas sérias com seriedade suficiente, e isso é um assunto sério, porque a seriedade é um ingrediente fundamental da imaginação e da criatividade.

Isso pode ser difícil de perceber, uma vez que a esfera pública é dominada pelo espetáculo de pessoas como Donald Trump, que aparentemente não levam a sério as coisas sérias. Cometi esse erro no início, ao considerá-lo uma pessoa leviana que não leva a sério as coisas sérias. Ele leva tudo a sério porque se leva implacavelmente a sério. Ele leva tudo a sério à luz de como se leva a sério, e não à luz do que, se é que há algo, é realmente sério nelas. E todo o seu arco trágico começou com a incapacidade de lidar com as piadas de Obama às suas custas, porque ele se leva muito a sério.

Estamos no caminho histórico em que estamos por muitas razões, mas pelo menos uma delas é que um velho um tanto absurdo não conseguiu aceitar

piadas às suas custas em um evento de comédia literal. Eu fui ridicularizado. É desconfortável, mas não tão difícil de aceitar.

O que significa levar a sério a falta de seriedade?

Significa, por exemplo, dedicar “muitas” horas da sua vida consumindo humor, especialmente humor volumoso com um alcance ambicioso, como as obras de Douglas Adams ou Terry Pratchett. Uma sociedade como a nossa, que não produz tais obras em quantidade suficiente, ou não as eleva suficientemente em importância avaliada coletivamente, é uma sociedade que não leva a falta de seriedade a sério o suficiente. Quando a falta de seriedade é forçada a se limitar às trivialidades da vida pessoal (uma característica de grande parte da comédia constrangedora popular hoje em dia) e não se envolve com assuntos “sérios”, você tem uma sociedade que é cega em certos aspectos.

Não é exatamente um paradoxo, mas levar uma coisa séria a sério significa necessariamente injetar um pouco de falta de seriedade na maneira como você a encara. Para lidar efetivamente com assuntos pesados, é preciso relaxar um pouco.

Essa linha condutora nos modos de pensamento cultural conservador só recentemente se tornou aparente para mim, graças à sua ascensão recente e inconfundível. Algumas vertentes são muito óbvias devido à sua notável falta de alegria, como a virada tradicional entre os defensores das estátuas, a crescente identificação com arquétipos de seriedade estoica e sem sorrisos, como o Yes Chad, e as tendências cada vez mais tristes do ativismo esquerdista cada vez mais absurdo. Houve um aumento correspondente na tendência de ver qualquer falta de seriedade como um sinal de fraqueza ou covardia.

Outras vertentes são menos óbvias, porque participam do lado não sério da vida. Elas simplesmente não levam a sério. Para o conservador cultural mediano, a falta de seriedade é um luxo a ser desfrutado em raros momentos de abundância e excedente em uma existência geralmente marcada por uma sensação opressiva de privação e ameaça, e geralmente associada a humores transitórios de vitória após sucessos temporários. Ela pertence mais ao sorvete do que à filosofia em sua visão de mundo.

O objetivo dessa digressão sobre a metafísica da seriedade e da falta de seriedade foi acrescentar um elemento final ao que considero ser a minha receita para mim mesmo. O mundo recuou demais, e de maneira muito séria e medrosa,

para a web aconchegante, deixando a esfera pública para os extremistas mais sem humor e hipócritas, que têm certeza de que estão do lado certo da história e agem de maneira que não leva a falta de seriedade a sério. Pessoas que só conseguem rir, se é que conseguem, da dor que podem infligir aos outros em seus momentos de vitória, e de si mesmas, nem um pouco.

A esfera pública se transformou em um “mercado de limões”⁴, e sua incapacidade de rir de si mesma, juntamente com seu crescente gosto por rir da dor dos impotentes, é o sinal mais claro de sua profunda falência.

O resultado é a nossa condição atual — presos em uma grande narrativa histórica sem alegria que justapõe novas realidades caóticas que nenhum de nós consegue entender, com certezas totalizantes e frágeis vendidas por alianças profanas de extremistas sem alegria e vigaristas sem noção, todos se levando muito a sério.

E perdemos a capacidade de manter um senso público coletivo de absurdo sobre tudo isso.

Contemplando essa condição, acho que entendo por que, neste ano, mesmo sentindo que minha escrita não está realmente à altura da tarefa de acompanhar a realidade e fornecer qualquer tipo de sinal útil ou mesmo divertido para vocês, leitores, sinto que é importante continuar escrevendo. Mesmo correndo o risco de apenas adicionar confusão, erros e tentativas fracassadas de humor a uma condição já confusa, errada e em grande parte sem graça.

É por isso que, embora eu geralmente faça algumas pausas longas na escrita todos os anos, ainda não fiz isso este ano. Uma parte de mim teme que, se eu parar de escrever agora, talvez nunca mais consiga voltar. Que eu acabe me retirando completamente para sempre.

Talvez eu faça uma pausa no final do ano, mas, no momento, decidi que o que devo fazer é simplesmente continuar postando, procurando aquela veia elusiva de absurdo e leveidade em nossa condição atual que possa apontar o caminho para sair do grande funk em que o Fim da História parece estar atolado.

⁴ A expressão “mercado de limões” vem do termo original em inglês *lemons market*, cunhado pelo economista George Akerlof em um famoso artigo de 1970. “Lemon” é uma gíria americana para um produto defeituoso — especialmente carros usados com problemas ocultos. O conceito descreve um mercado em que a assimetria de informação entre vendedores e compradores leva à degradação da qualidade geral: como os compradores não conseguem distinguir produtos bons dos ruins, tendem a pagar menos, o que afasta os bons vendedores e piora ainda mais o mercado. Venkatesh Rao aplica essa metáfora à esfera pública contemporânea, sugerindo que ela se tornou um ambiente onde as “boas ideias” se retiram, deixando espaço para maus atores, extremistas e farsantes.